

REBECCA SKLOOT

A vida imortal de Henrietta Lacks

Tradução

Ivo Korytowski



Copyright © 2010 by Rebecca Skloot

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The immortal life of Henrietta Lacks

Capa

Luciana Facchini

Fotos de capa

Henrietta Lacks: Obstetrics & Gynaecology/ Science Photo Library/ SPL DC/ Latin Stock

Célula HeLa: Thomas Decrinck, NCMIR/ Science Photo Library/ SPL DC/ Latin Stock

Tecido: © Gyro Photography/ amanaimages/ Corbis/ Latin Stock

Edição

Ciça Caropreso

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Erika Nakahata

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Skollot, Rebecca

A vida imortal de Henrietta Lacks / Rebecca Skollot ; tradução
Ivo Korytowski. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: The immortal life of Henrietta Lacks
ISBN 978-85-359-1815-1

1. Câncer - Pacientes - Biografia 2. Câncer - Pesquisas 3. Célula
HeLa 4. Cultura de células 5. Ética médica 6. Lacks, Henrietta,
1920-1951 - Saúde 7. Medicina experimental no homem
- Estados Unidos - Histórias 8. Mulheres afro-americanas -
História I. Título.

11-00252

CDD-616.02774092

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Pacientes com câncer : Biografia 616.02774092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Para minha família:
meus pais, Betsy e Floyd; seus cônjuges, Terry e Beverly;
meu irmão e cunhada, Matt e Renee;
e meus sobrinhos maravilhosos, Nick e Justin.
Todos foram privados de minha companhia por
muito tempo devido a este livro,
mas nunca deixaram de acreditar nele, ou em mim.*

*E em memória saudosa de meu avô,
James Robert Lee (1912-2003),
que apreciava os livros mais do que qualquer um que já conheci.*

Sumário

<i>Algumas palavras sobre este livro</i>	9
Prólogo: A mulher na fotografia	17
A voz de Deborah	27
PARTE UM: VIDA	
1. O exame — 1951	31
2. Clover — 1920-42.....	37
3. Diagnóstico e tratamento — 1951.....	48
4. O nascimento de HeLa — 1951	57
5. “O negrume está se espalhando dentro de mim” — 1951..	66
6. “A moça está no telefone” — 1999.....	74
7. A morte e vida da cultura de células — 1951.....	83
8. “Um espécime miserável” — 1951.....	91
9. Turner Station — 1999.....	96
10. Do outro lado da via férrea — 1999.....	108
11. “O diabo da dor em pessoa” — 1951.....	116
PARTE DOIS: MORTE	
12. A tempestade — 1951.....	123

13. A fábrica de células HeLa — 1951-3.....	128
14. Helen Lane — 1953-4.....	143
15. “Jovem demais para lembrar” — 1951-65	148
16. “Passando a eternidade no mesmo lugar” — 1999.....	157
17. Ilegal, imoral e deplorável — 1954-66	168
18. “Híbrido estranho” — 1960-6.....	180
19. “A época mais crítica neste mundo” — 1966-73.....	188
20. A bomba HeLa — 1966	197
21. Médicos da noite — 2000.....	204
22. “A fama que ela tanto merece” — 1970-3.....	219

PARTE TRÊS: IMORTALIDADE

23. “Está viva” — 1973-4	229
24. “O mínimo que podem fazer” — 1975	243
25. “Quem os autorizou a vender meu baço?” — 1976-88.....	252
26. Violação da privacidade — 1980-5	262
27. O segredo da imortalidade — 1984-95.....	268
28. Após Londres — 1996-9.....	276
29. Uma aldeia de Henriettas — 2000.....	293
30. Zakariyya — 2000.....	303
31. Hela, deusa da morte — 2000-1	314
32. “Tudo isto é minha mãe” — 2001.....	325
33. O Hospital para Negros Insanos — 2001.....	336
34. Os prontuários médicos — 2001	350
35. Lavando a alma — 2001	358
36. Corpos celestes — 2001	368
37. “Nada a temer” — 2001	372
38. O longo caminho até Clover — 2009.....	381

Onde eles estão agora 388

Posfácio..... 392

Agradecimentos..... 410

Notas 422

Índice remissivo..... 445

*Nenhuma pessoa deve ser encarada como uma abstração.
Antes, é preciso enxergar em cada pessoa um universo com
seus próprios segredos, com seus próprios tesouros, com
suas próprias fontes de angústia e com certa dose de
triunfo.*

ELIE WIESEL

The Nazi doctors and the Nuremberg Code

PARTE UM

VIDA

1. O exame

1951

Em 29 de janeiro de 1951, David Lacks estava sentado ao volante de seu velho Buick observando a chuva cair. Estava estacionado sob um enorme carvalho diante do Hospital Johns Hopkins com três de seus filhos — dois ainda de fralda — esperando a mãe deles, Henrietta. Minutos antes, ela saltara do carro, cobrira a cabeça com a jaqueta e entrara correndo no hospital, passando pelo banheiro das “pessoas de cor”, o único que ela estava autorizada a usar. No prédio ao lado, sob um elegante teto de cobre em forma de cúpula, uma estátua de mármore de Jesus de mais de três metros se erguia, braços abertos, recepcionando as pessoas onde um dia já fora a entrada principal do Johns Hopkins. Nunca ninguém da família de Henrietta consultara um médico do hospital sem antes parar na estátua de Jesus para depositar flores a seus pés, entoar uma prece e esfregar seu dedão do pé para dar sorte. Mas naquele dia Henrietta não parou.

Ela foi direto à sala de espera da clínica ginecológica, um espaço amplo e repleto de bancos compridos com costas retas como as dos bancos de igreja.

“Tenho um caroço no útero”, informou à recepcionista. “O médico precisa dar uma olhada.”

Por mais de um ano, Henrietta vinha contando às amigas mais próximas que algo não ia bem. Uma noite após o jantar, sentada na sua cama com as primas Margaret e Sadie, contou a elas:

“Tenho um caroço dentro de mim.”

“O quê?”, Sadie perguntou.

“Um caroço”, ela respondeu. “Dói que é uma tristeza — quando aquele homem quer transar comigo, Meu Deus, que dor.”

Quando as relações sexuais começaram a doer, ela pensou que fosse por causa do bebê Deborah, a quem acabara de dar à luz semanas antes, ou do sangue ruim que David às vezes trazia para casa após noitadas com outras mulheres — do tipo que os médicos tratavam com injeções de penicilina e metais pesados.

Henrietta agarrou as mãos de suas primas, uma de cada vez, levando-as à sua barriga, assim como fizera quando Deborah começou a dar chutes lá dentro.

“Está sentindo alguma coisa?”

As primas pressionaram seu estômago com os dedos várias vezes.

“Sei lá”, Sadie disse, “às vezes você está grávida fora do útero — você sabe que isso *pode* acontecer.”

“Não estou grávida coisa nenhuma”, Henrietta replicou. “É um caroço.”

“Hennie, você tem que ver isso. E se for coisa ruim?”

Mas Henrietta não foi ao médico e as primas não contaram a ninguém o que ela tinha dito no quarto. Naquela época, as pessoas não conversavam sobre assuntos como câncer, mas Sadie sempre achou que Henrietta manteve segredo por temer que um médico retirasse seu útero e a impedisse de ter filhos.

Cerca de uma semana depois de contar às primas que achava que algo estava errado, aos 29 anos Henrietta engravidou de

Joe, seu quinto filho. Sadie e Margaret disseram a Henrietta que a dor provavelmente estava associada ao bebê. Mas Henrietta continuou negando.

“Estava lá antes do bebê”, ela lhes disse. “É outra coisa.”

Todas pararam de falar sobre o caroço, e ninguém contou nada a David, o marido de Henrietta. Então, quatro meses e meio após o nascimento do bebê Joseph, Henrietta foi ao banheiro e viu sua calcinha manchada de sangue, embora não fosse ainda o período de sua menstruação.

Encheu a banheira, deitou-se na água morna e abriu as pernas. Com a porta fechada para filhos, marido e primas, Henrietta enfiou um dedo na vagina e apalpou o colo do útero até encontrar o que desconfiava que encontraria: um caroço duro, bem no fundo, como se alguém tivesse alojado uma bola de gude à esquerda da abertura do seu útero.

Henrietta saiu da banheira, secou-se e se vestiu. Depois disse ao marido: “É bom você me levar ao médico. Estou sangrando fora da época da menstruação”.

Seu médico deu uma olhada lá dentro, viu a saliência e achou que fosse uma ferida de sífilis. Mas o exame deu negativo para sífilis, portanto ele recomendou que Henrietta procurasse a clínica ginecológica do Hospital Johns Hopkins.

O Hopkins era um dos melhores hospitais da região. Construído em 1889 como um hospital de caridade para enfermos e pobres, ocupava quase cinco hectares no local de um antigo cemitério e asilo de loucos, no leste de Baltimore. Suas enfermarias públicas estavam lotadas de pacientes, a maioria negros sem dinheiro para pagar médicos particulares. David levou Henrietta por uns trinta quilômetros de carro até lá não porque os dois preferissem, mas por ser o único hospital, num raio de quilômetros, que tratava de pacientes negros. Aquela era a época das leis segregacionistas de Jim Crow — se negros aparecessem em hos-

pitais de brancos, costumavam ser mandados embora, ainda que isso significasse que eles poderiam morrer no estacionamento. Até o Johns Hopkins, que tratava de pacientes negros, segregava-os em enfermarias para “gente de cor”, e também mantinha bebedouros separados.

Desse modo, quando a enfermeira chamou Henrietta na sala de espera, conduziu-a por uma única porta até uma sala de exames para negros — uma de uma longa fileira de salas separadas por paredes de vidro transparentes, o que permitia às enfermeiras olharem de uma sala para outra. Henrietta despiu-se, vestiu uma camisola hospitalar branca engomada e deitou-se numa mesa de exame de madeira, à espera de Howard Jones, o ginecologista de plantão. Jones era magro e agrisalhado, sua voz grave, atenuada por um fraco sotaque sulista. Quando ele entrou na sala, Henrietta contou sobre o carço. Antes de examiná-la, folheou seu boletim médico — um breve esboço de sua vida e uma litania de doenças não tratadas:

Escolaridade: sexta ou sétima série; dona de casa, cinco filhos. Dificuldades respiratórias desde a infância devido a infecções regulares da garganta e um septo desviado no nariz da paciente. O médico recomendou cirurgia. Paciente recusou. Paciente teve uma dor de dente por quase cinco anos; o dente acabou sendo extraído com vários outros. Sua única preocupação é a filha mais velha, que é epiléptica e não consegue falar. Lar feliz. Bebe apenas ocasionalmente. Nunca viajou. Bem nutrida, cooperativa. A paciente faz parte de uma família de dez irmãos e irmãs. Um morreu de acidente de carro, outro, de coração reumático, outro foi envenenado. Sangramento vaginal inexplicado e sangue na urina durante as duas últimas gravidezes; médico recomendou o teste da anemia falciforme. Paciente recusou. Vive com o marido desde os quinze anos e não gosta das relações sexuais. Paciente sofre de neurosífilis

assintomática, mas cancelou os tratamentos de sífilis dizendo que se sentia bem. Dois meses antes da atual visita, após o parto do quinto filho, a paciente notou muito sangue na urina. Os testes mostraram áreas de atividade celular maior no colo do útero. Os médicos recomendaram o diagnóstico e indicaram um especialista para ver se não era infecção ou câncer. A paciente cancelou a consulta. Um mês antes da visita atual, o exame de gonorreia da paciente deu positivo. Paciente chamada de volta à clínica para tratamento. Nenhuma resposta.

Não foi surpresa ela não ter retornado todas aquelas vezes para o acompanhamento médico. Para Henrietta, adentrar o Johns Hopkins era como entrar num país estrangeiro cuja língua ignorasse. Sabia tudo sobre colher tabaco e abater um porco, mas nunca tinha ouvido as palavras *colo do útero* ou *biópsia*. Ela mal lia ou escrevia, e não estudara ciências na escola. Como a maioria dos pacientes negros, só foi até o Johns Hopkins quando percebeu que não tinha outra escolha.

Jones ouviu Henrietta contar sobre a dor, o sangue. “Ela diz que sabia que havia algo de errado com o colo do útero”, ele escreveu mais tarde. “Quando indagada por que sabia, respondeu que sentia como se tivesse um caroço ali. Não sei exatamente o que ela quer dizer com isso, a não ser que tenha apalpado a área.”

Henrietta deitou-se na mesa, os pés presos em estribos enquanto fitava o teto. E de fato Jones encontrou um caroço exatamente onde ela disse que encontraria. Ele o descreveu como uma massa dura e carcomida, mais ou menos do tamanho de uma moeda. Se seu colo do útero fosse o mostrador de um relógio, o caroço estaria em quatro horas. Ele já tinha visto umas mil lesões de câncer cervical, mas nunca uma coisa como aquela: brilhante e púrpura (como “gelatina de uva”, escreveu depois), e tão delicado que sangrava ao menor toque. Jones cortou uma pequena amostra

e a enviou ao laboratório de patologia para um diagnóstico. Em seguida disse que Henrietta fosse para casa.

Logo depois, Jones sentou-se e ditou anotações sobre Henrietta e seu diagnóstico: “Seu histórico é interessante pelo fato de ela ter dado à luz neste mesmo hospital em 19 de setembro de 1950”, escreveu. “Não há nenhuma menção no histórico daquele dia, ou na consulta de retorno seis semanas depois, a qualquer anormalidade no colo do útero.”

No entanto, ali estava ela, três meses depois, com um tumor bem desenvolvido. Ou os médicos não o tinham visto nos últimos exames — o que parecia impossível —, ou ele havia crescido a uma velocidade assustadora.